

Confronto nos bastidores

EDUARDO BRITO

As eleições para as presidências da Câmara e do Senado adquiriram, do final de novembro para cá, um significado especial. É que elas representarão, senão um confronto entre Fernando Collor e Orestes Quérzia, ao menos um empate entre **colloridos** e **querístas**. Será - ou melhor, já está sendo - uma luta muito especial, ao que tudo indica travada quase exclusivamente nos bastidores, no melhor estilo florentino.

Os políticos mais experientes do Congresso não esperam um confronto em plenário, nos moldes dos que opuseram Djalma Marinho a Nelson Marchezan ou Fernando Lyra a Ulysses Guimarães. Há ainda a possibilidade de que Prisco Viana desafie no plenário da Câmara o candidato oficial do PMDB, legenda a que também pertence. Mas o próprio Prisco queixava-se de que sua candidatura tem servido quase exclusivamente para o líder Ibsen Pinheiro desestimular os partidários de uma nova candidatura Ulysses. Por outro lado, Ibsen não está incompatibilizado com o Planalto. Pelo contrário...

Antes disso, claro, será preciso garantir que se manterá a tradição que hoje beneficia o PMDB. Senadores como Affonso Camargo ainda empregam o argumento de que o novo bloco governista, com mais membros na Casa de que o partido de Mauro Benevides, deve ser reconhecido o direito de indicar o presidente. Essa tese é, claro, reforçada por candidatos pelefistas à direção do Senado, porém, não se mostra pacífica, como seria de se esperar.

O virtual candidato peemedebista Mauro Benevides, que não terá dificuldades para superar o aceno de desafio representado pelo senador Márcio Lacerda, ainda encontra resistências em setores governamentais. Trata-se do chamado efeito Iram Saraiva, numa

referência ao senador goiano que, ao presidir sessões do Congresso em substituição ao titular Nelson Carneiro, desagradou os líderes do governo.

É certo que Iram não teve uma só de suas decisões reformadas, seguindo competente o regimento. Mas é certo também que as lideranças governistas gostariam de mais boa vontade ao se dirigir a sessão, e conduzir as votações. O perfil ameno de Mauro Benevides parece garantir isso. Só que Benevides é um homem de partido, estando de quebra bastante próximo hoje do governador Quérzia. E o novo Congresso votará muitas questões de interesse para a sucessão presidencial.

O novo bloco parlamentar inegavelmente tem na mira a eleição da Mesa, por mais que seus organizadores assegurem que não se mencionou a questão nas reuniões preliminares. Nem era necessário. Não havia qualquer outra razão lógica para se organizar o bloco ao apagar das luzes da legislatura. É um bloco de três dias. Na dúvida, porém, já se lança água fria no calor de radicalização que o bloco arrisca despertar. Não por acaso o presidente Fernando Collor disse "vamos trabalhar juntos" a Mauro Benevides, quando o senador o cumprimentou na recepção de fim de ano aos parlamentares.

A Câmara vive um clima ainda diferente, com os postulantes peemedebistas conquistando votos em surdina, enquanto os demais adotam uma estratégia *low profile*. Lá, como se sabe, a articulação de um bloco é regimentalmente mais difícil do que no Senado. Mas o jogo tende a parecer-se com o da outra Casa, à medida em que esquentar.

Toda essa confrontação poderá terminar como a Batalha de Itararé, a maior - que não houve - da História do Brasil. No entanto, isso só ocorrerá na aparência. Caso os plenários não assistam ao embate, a pacificação significará apenas que um dos lados o ganhou nos bastidores.